

# EM BUSCA DE COMPREENDER A LOUCURA

Elsa de Oliveira

Instituto Teológico São Paulo — S. Paulo

## INTRODUÇÃO

O que sabemos hoje sobre a loucura ?

Na verdade toda a elaboração teórica, que não é pouca, mostra-se absolutamente precária para uma compreensão efetiva da questão. Há no entanto, nesse pouco que sabemos, evidências que permanecem a despeito ou talvez, exatamente em virtude das multiformas tentativas de explicação do fenômeno da loucura: resultam sempre frustradas as pretensões de capturar a verdade da loucura e determinar-lhe a sede. Perde-se nessa ilusão a humanidade da loucura.

Queremos com isso dizer que as chamadas doenças mentais — em toda variedade de suas manifestações — não podem ser reduzidas a um âmbito do humano: nem de um lado, na tradição organicista a distúrbios físico-químicos ( como explicação da esquizofrenia na falta de uma enzima específica ) ou a complexos genéticos: nem nas chaves psicológicas, a personalidades mal estruturadas, a síndromes conflituais mal resolvidas, a traumas ( cicatrizes psíquicas ) e tampouco pode a doença mental ser por inteiro debitada, como no caso da antipsiquiatria, nas contas sem dúvida mal pagas da estrutura social capitalista.

Dizer que a loucura é fundamentalmente um fenômeno humano equivale a pensá-la como uma estrutura global na qual a verdade do indivíduo não repousa em nenhuma dessas instâncias: não se privilegia o indivíduo como entidade ( substância ) dotada de atributos e propriedades possíveis de disfunção; não se privilegia o social, como uma estrutura em si da qual o homem é apenas epifenômeno. Para um pensamento metafísico, dicotômico só há, no entanto, estas duas saídas.

Vamos tentar entender um desses equívocos, historicamente criados e partilhados pelo senso comum dos quais são alvo as chamadas doenças mentais.

### 1 — A doença mental internalizada e excluída

“Nos meados do século XVII, brusca mudança; o mundo da loucura vai tornar-se o mundo da exclusão.

Criam-se ( e isto em toda a Europa ) estabelecimentos para internações que não são simplesmente destinados a receber os loucos, mas toda uma série de indivíduos bastante diferentes uns dos outros, pelo

menos segundo nossos critérios de percepção: encerram-se os inválidos pobres, os velhos na miséria, os mendigos, os desempregados opiniáticos, os portadores de doenças venéreas, libertinos de toda espécie, pessoas a quem a família ou o poder real querem evitar um castigo público, pois de família dissipadores, eclesiásticos em infração, em resumo todos aqueles que em relação à ordem da razão, da moral, da sociedade dão mostras de “alteração”.<sup>1</sup>

A Época Clássica ( aproximadamente a partir de 1650 ) internalizou a loucura; em dois sentidos: tornou-a uma disfunção ao interno do indivíduo e internou em hospícios o portador da doença.

### 1.1. Os fundamentos dessa atitude frente à loucura

É fácil compreender: é neste século que se inaugura a modernidade e a reificação da Razão. No grande esforço de resgatar o homem de sua posição de criatura — mero reflexo e intermediário dos planos de Deus, e cuja força e humanidade residia na fé — o homem do renascimento, ansioso por superar o que a seus olhos parecia constituir o “obscurantismo” da Idade Média — deslocou a sede da humanidade para a Razão. É, agora, no poder do pensamento e de sua lógica, capaz de **produzir** a verdade, que se funda o novo lugar do homem no mundo: a de senhor e mestre da natureza. Articula-se aí o que há muito está em questão: o saber como poder-dominação do homem sobre as coisas, a natureza, a vida, os outros homens. Em Bacon, essa nova posição torna-se muito clara. Saber é poder, diz ele, e o homem pode quando sabe. O escopo da ciência é instaurar o **regnum hominis** no mundo. Não se trata de instaurar o reino da verdade entre os homens mas o reino do homem sobre as coisas.<sup>2</sup>

Esta novidade não é inocente. Ela não se acresceu às posturas anteriores como mais uma possibilidade. Na história do pensamento humano. Na verdade ela requer para si e, de fato, transforma o signo do caminho humano que adentra o mistério do mundo.

Com Descartes começou uma revolução espiritual sem igual. Com ele surgiu especialmente uma determinação toda nova da verdade. Desde aquele tempo verdade e realidade é somente aquilo que pode ser determinado com certeza, que pode ser medido e calculado com exatidão. Neste tipo novo de verdade e realidade se fundamenta toda a ciência natural atual.

Mas já ser fundador para Descartes não se trata somente do reconhecimento de uma verdade nova por causa dela mesma. Pois Descartes prometia que quem aprender seu novo método de pensar ( o de assegurar-se pela medida e pelo cálculo ) se tornaria “maître et possesseur de la nature”.<sup>3</sup>

Quais são as implicações que se estudem até nosso século, dessa nova atitude ? Em que procedimentos ela se assenta e legaliza ?

1 — Se o poder do homem e sua possibilidade de dominação residem na Razão é preciso que esta se assegure dos mecanismos que a caracterizam e que lhe possibilitam um acesso “verdadeiro” à realidade, ( tornada externa como complemento necessário à uma consciência interna cercada em si mesma ). Criam-se então, os métodos de conhecimento do real. Qualquer conhecimento que passe sem rasuras pelas testagem das leis da lógica pode ser considerado verdadeiro.

2 — É preciso que, uma vez estabelecido o método dirija-se o olhar para aqueles aspectos do real passíveis de ser apreendidos por esse método. Os outros aspectos aqueles cujas características não podem ser capturadas pelo método, são deixadas de lado: No princípio, como coisas do real que não pertencem ao âmbito de visão da ciência. Depois, já século XX como não pertencendo ao próprio real. Confirmação dessa passagem, é a famosa frase de Max Plank: só é real aquilo que se pode medir. O real se objetifica. Para assegurar a certeza do conhecimento para escapar às ilusões do qualitativo e da subjetividade restringe-se o real ao que tem de quantitativo, mensurável: abarca-se a realidade segundo sua extensão, sua grandeza, peso, medida, são dados confiáveis. O resto é poesia.

“O método experimental racional e objetivo aumenta incessantemente, seu impacto sobre a vida social e cotidiana. Ele sempre impôs de modo crescente e intransigente, o primado da Razão sobre os demais aspectos da experiência humana. Apresentando-se como único instrumento particular da Razão, foi levado a assumir, estimulado por seus êxitos, um papel imperialista crescente, a ponto de identificar-se com a própria razão e de rejeitar como “irracional” e “subjetivo” tudo o que não conseguiu assumir”.<sup>4</sup>

O esforço de pôr ordem no mundo, ( a realidade mesma se apresenta caoticamente, desorganizada: todos os aspectos reunidos e misturados ) cria procedimentos de classificação, compartimentalização, enfim, arrumação da realidade de modo que possa organizá-la e dominá-la em categorias. A consciência racional e lógica se encarrega de dizer a que âmbito do real pertence esta ou aquela coisa, este ou aquele fenômeno. Criam-se os modelos teóricos de explicação. Esses modelos passam a servir como índices e termômetros de natureza do real e dos homens.

A modernidade estimula as investigações sobre tudo o que diz a respeito ao homem: sua biologia, sua constituição físico-química, sua anatomia, sua lógica, sua psicologia. Modelos são constituídos como parâmetros de investigação. Neles se pesquisa a “normalidade”; constroem-se os padrões do homem, cerca-se a sua “humanidade”, segundo sua “natureza normal”.

O homem é, então, um ente ( substância ) dotado de atributos, componentes, propriedades: detalham-se sua sensação, sentimentos, raciocínio, memória, estimulação, percepção: enfim, investiga-se sua positividade, seu lado iluminado, claro, consciente; como se cada uma dessas possibilidades fosse o setor de um arquivo sem história sem tempo e, sobretudo, sem conflito. Apenas com características.

Ora, se a humanidade do homem se funda na Razão, nessa razão classificatória e ordenadora que disseca o homem e obscurece sua ambigüidade e na nova civilização que af se instaura, onde fica a loucura ? Que lugar está reservado para o fenômeno do louco, dessa manifestação da desrazão ?

## 1.2 — A loucura e a positividade da razão

Diante de um modelo fixo de normalidade, torna-se fácil detectar desvios. O que não está dentro, está fora. O que não se adapta, não se ajusta ao modelo preconcebido é anormal. Quem não honra — no sentido de não cumprir o que o modelo prescreve — a humanidade do homem, é inumano; não pode pertencer ao grupo social humano; é marginal.

É interessante notar que datam desta época os primeiros estabelecimentos psiquiátricos de internamento. A nova civilização não suporta conviver com seu reverso. É preciso afastar da órbita da ordem, a desordem da loucura.

Enquanto desvio a loucura terá que ser internalizada.

O louco é aquele cujo aparelho sofreu disfunções: a civilização não tem nada com isso. O defeito é dele. E como quem sabe sobre a natureza do aparelho humano e suas disfunções é o médico, a ele é dado o poder e o direito de atuar sobre a loucura. É então a loucura transformada em doença mental: cuja espécie, gênero, classe podem ser detectados tal como na botânica.

“Sabemos, sobre sua doença e sua singularidade, coisas suficientes das quais você nem sequer desconfia para reconhecer que se trata de uma doença, mas, nesta doença conhecemos o bastante para saber que você não pode exercer sobre ela e em relação a ela nenhum direito. Sua loucura, nossa ciência permite que a chamemos de doença e daí em diante nós, médicos, estamos qualificados para intervir e diagnosticar uma loucura que lhe impede ser um doente como os outros, você será então, um doente mental.”<sup>5</sup>

Se, no início dos processos de internação, o objetivo era mais de controle moral que, de cura, a medicalização dos hospitais psiquiátricos vem reconciliar na verdade, uma nova forma de controle moral: para assegurar a docilidade do louco, o processo de “cura”, infunde-lhe sen-

timentos típicos da moral familiar: dependência, culpas, reconhecimento ( gratidão ).

“Utilizar-se-ão, para consegui-lo, meios tais como as ameaças, castigos, privações alimentares, humilhações, em resumo, tudo o que poderá ser ao mesmo tempo infantilizado e culpabilizar o louco... E isto sob a direção do médico que está encarregado mais de um controle ético que de uma intervenção terapêutica.”<sup>6</sup>

Esta atitude frente à loucura enraizada desde o alvorecer da modernidade, nutre toda a história da psiquiatria clássica e se espalha até nossos dias. Com ela, afastam-se, de modo fundamentado e legal, a visão e a convivência com esse lado escuro da racionalidade cujo esforço de dominar o mundo, aliena o ser do homem: ilude seus conflitos, suas angústias, mascara a contradição social, sacrifica sua existência fundamental temporal e histórica, mumificando-o em características funcionais cujos defeitos isola como não pertencentes à sua humanidade.

É desse engano que a psicologia nasce. E a ela é creditado o direito de gerir a conduta humana, de determinar o que é normal e o que é anormal.

O médico torna-se o sacerdote do corpo e o médico psiquiatra em particular do espírito. As regras de conduta determinadas pelo saber religioso transformam-se em regras de higiene mental. A alegria do espírito pode ser obtida contanto que se conheçam os mandamentos do comportamento sadio e da estrutura psíquica normal.<sup>7</sup>

A racionalidade ocidental já fez sua leitura da realidade. Nela, o mundo tornou-se objeto, isto é, foi reduzido às dimensões objéticas, físicas, mensuráveis. O trabalho de conquistar a objetividade como primado do conhecimento verdadeiro levou a uma “purificação”, a uma assepsia das formas de transcendência humana. Usamos aqui transcendente no sentido antropológico; referimo-nos à possibilidade especificamente humana de superar o “físico” tornado restritivamente físico nesse contexto e dar significado a esse mundo que para além dessa dimensão é sobretudo a morada do homem. É aqui que a palavra bíblica precisa ser representada na sua força originária. “Ide e dominai a terra” não é “Ide e classifcai o real”, esquadrinhai-o para melhor manipulá-lo mas pode muito bem ser: Ide e tornai a terra uma morada para o homem. Morada significa lugar familiar onde nos sentimos à vontade em casa junto dos outros.

### 1.3 – A DIMENSÃO HUMANA DA LOUCURA

É preciso resgatar a dimensão humana da loucura. Retirá-la dessa marginalização estrema que é a violência do não-sentido. Falamos hoje, no plano da sociologia de uma marginalização social, política, econô-

mica, cultural dos grupos periféricos, colocados à margem pelo sistema, impedidos de usufruir e participar dos benefícios sociais. No entanto, resta ainda uma vez a esses grupos: abafada ou alienada há no corpo social e no Estado o medo de sua união e terror de que aberta uma brecha se ouça seu grito: lúcido, potente. Sua voz está silenciada mas permanece latente, enquanto possibilidade. O louco não. O louco pode até falar: sua palavra foi esvaziada de sentido. Roubaram-lhe a possibilidade de significar o mundo, pela palavra. O que ele diz já é, de antemão, ouvido como um discurso delirante que nada tem a ver com a realidade comum.

Nós nos indignamos com os procedimentos grosseiros de uma lavagem cerebral. E quase não atentamos para essa violência surda que é o esvaziamento radical da palavra que vem da "loucura". No entanto, nessa palavra incompleta, delirante, imaginária, grita um homem que provavelmente espelha a contradição vital de um mundo incapaz de obrigar e manifestar seus conflitos. A cultura tenta olhar-se no seu perfil positivo. Elabora e papagueia sua face humana, de concórdia, comunicação e progresso. A ciência legisla sobre as potencialidades energéticas e humanas e aponta caminhos de evolução. As patologias são descritas para apenas ser corrigidas, amoldadas, ajustadas aos padrões. E corrige-se tanto o analfabetismo com os mobrais da vida como se corrigem as angústias e euforias desmensuradas com psicotrópicos e terapias adaptativas.

"Fala-se muito da loucura contemporânea, ligada ao universo da máquina e ao esmaecimento das relações afetivas diretas entre os homens. Este vínculo não é falso, sem dúvida, e não é por acaso que o mundo mórbido tão freqüentemente, toma hoje em dia, o aspecto de um mundo onde a racionalidade mecanicista exclui a espontaneidade contínua da vida afetiva. Mas seria absurdo dizer que o homem doente maquiniza seu universo porque projeta um universo esquizofrênico no qual se perde; falso mesmo pretender que ele é esquizofrênico porque aí está, para ele o único meio de escapar ao constrangimento do seu universo real. De fato, quando o homem permanece estranho ao que se passa na sua linguagem, quando não pode reconhecer significação humana e viva nas produções de sua atividade quando as determinações econômicas e sociais e reprimem, sem que possa encontrar sua pátria neste mundo, então ele vive numa cultura que torna possível uma forma patológica como a esquizofrenia, estranho num mundo real, é enviado a um "mundo privado" que objetividade nenhuma pode mais garantir; submetido, entretanto, ao constrangimento deste mundo real ele experimenta este universo para o qual foge, como um destino. O mundo contemporâneo torna possível a esquizofrenia, não porque seus acontecimentos o tornam inumano e abstrato, mas porque nossa cultura faz do mundo uma leitura tal que o próprio homem não pode mais reconhecer-se aí. Somente o conflito real das condições de existência pode servir de modelo estrutural aos paradoxos do mundo esquizofrênico."<sup>8</sup>

## 2 — CHEGANDO PERTO DA LOUCURA

Se pudermos olhar para o fenômeno da loucura com menos distância teórica e nos aproximarmos dela com a simplicidade de nossa experiência humana. Vamos perceber, talvez com certo susto, que não há nenhum elemento estrutural diferente. O louco é um homem radicalmente só, encarcerado num mundo mórbido mas cujas restrições existenciais também nos pertencem.

Também nós, no enfrentamento desse cotidiano que nos abriga e aflige, que nos anestesia e exalta nos refugiamos muitas vezes em soluções mágicas, em tristezas sem origem, em comportamentos compulsivos, em cismas, em medos. A frase comum “fiquei fora de mim” ou “não sei o que me deu” mostram como nos sentimos roubados de nós mesmos em certos momentos; sobretudo quando nos identificamos apenas com nossos atos, a dúvida, a angústia, a consciência, a ansiedade indefinida nos assolam sem que saibamos de onde vêm e a propósito de quê. Isto faz parte de nossa natureza humana. É próprio do nosso modo de ser e só dele, dar-se conta — quando não estamos inteiramente armados pela estruturação segura da organização teórica quando tocamos mais perto na vida — de que nada está inteiramente garantido; que cada um está lançado a sua sorte e é responsável por seus atos; que embora unidos a outros homens compartilhando sofrimentos e utopias cada homem só pode dizer a sua palavra, ou omiti-la que é outro modo de dizê-la. Mas, se mergulhamos em nossas inquietações, se vez por outra somos arrebatados de nosso cotidiano “certinho”, se perdemos o leme e nos deixamos invadir pelos nossos fantasmas, nós podemos voltar. E nosso ser não se faz só do encontrar-se, faz-se também no perder-se. Aliás, quem se encontra, se antes, não se perde? Mas, o louco não volta. Está prisioneiro. Falta-lhe a liberdade fundamental humana de transitar pelos vários âmbitos da realidade e da coexistência. Nossos medos, no momento em que nos assolam ocupam todo o espaço de nossa realidade: esta se torna ameaçadora. Mas, a possibilidade de coexistir de outros modos com a realidade, devolve-nos à abertura original e torna possível relativizar o medo. O homem, doente fecha-se numa só perspectiva e olha, dela, para o mundo. Imaginem um homem olhando por uma luneta que aumenta cem vezes o objeto para o qual aponta: ela ao mesmo tempo faz crescer o objeto e exclui o que o circunda. Que imagem teria uma barata, por exemplo, olhada dessa perspectiva? Ocuparia toda a visão de realidade, tornar-se-ia a própria realidade e seria monstruosa. O louco é um homem que só vê através da luneta.

O problema que aqui queremos enfatizar é que nossa civilização — endeusadora da consciência — recria e tenta afugentar a contradição que nos é inerente: somos conscientes e inconscientes, somos corajosos e temos medo, somos impotentes e fortes, generosos e egoístas, autênticos

e simuladores e, nosso ser, se constrói em meio a essa ambigüidade. Buscamos sempre, caracterizar nossa humanidade do lado da luz e julgamos a loucura como quem da luz olha as trevas. A loucura já está, de antemão, inscrita nessa escuridão.

Poderia um homem que não tem medo dos seus medos, do que eles significam, superar suas circunstâncias e viver nas suas próprias restrições ?

“Estamos diante de um conflito aparentemente sem cura, conflito em que nenhuma razão humana pode resolver sem soluções equívocas ou arranjos suspeitos. Quem desdenha tanto uma coisa como outra. Acha-se ante à pergunta sobre onde está, então, a unidade necessariamente tão exigida, da personalidade e posto ante à necessidade de buscá-la. E aqui, começa agora, aquele caminho que foi percorrido do Oriente desde tempos imemoriais, evidentemente como resultado do fato de que, o chinês nunca esteve em posição de afastar tanto um do outro, os opostos da natureza humana para que se perdessem reciprocamente de vista, até a inconsciência. Deve essa onipresença da consciência ao fato de que o sim e não permaneceram juntos em sua vizinhança original como corresponde ao primitivo estado espiritual.”<sup>9</sup>

Se quisermos levar um pouco mais de luz e ousar penetrar ao mundo insano e solitário do louco, precisamos despirmo-nos de nossa consciência racional onipotente que julga mas não compreende, e encontrá-lo na sua humanidade.

Nessa perspectiva, Van den Berg, holandês, psiquiatra e psicólogo, professor e Diretor do Instituto de Psicologia dos Conflitos na Universidade de Leiden, traça na sua “Pequena Psiquiatria”, algumas indicações, simples mas densas naquilo que as sustenta, sobre como acercar-nos daquelas pessoas que nos procuram e que nós percebemos estarem sofrendo de mal “mental”.

“Quem lida com doentes psiquiátricos deve considerar para cada paciente, os seguintes pontos:

1. Em regra geral, o paciente já tem atrás de si uma história de doença longa, dura e triste. Não se pode julgar segundo o seu estado de momento, e portanto, no juízo atual, deve ser integrado o sofrimento do passado. Em outras palavras, não se julgue antes, que se tenha obtido uma visão global de todo o curso da doença e que seja compreendido, na medida do possível.

2. Além da longa duração da doença, o paciente tem igualmente, atrás de si, uma vida humana normal. Já foi criança, adolescente, jovem, adulto. Já teve relações humanas sadias, quiçá bastante promissoras. Esteve noivo, casou-se, foi pai ou mãe. Enfim, o paciente foi homem e

continuou a sê-lo. Antes de mais nada, deseja ser tratado como homem, — sim, como homem normal. Não convém considerá-lo apenas como perturbado, por mais anormal que se encontre.

3. O paciente tem parentes e conhecidos. Pais, irmãos, irmãs, um esposo ou esposa, filhos, um empregador ou empregados. Todos sabem de sua situação; cada um tem a sua opinião sobre o caso; todos o influenciam pelo seu juízo (geralmente silenciado). As relações próximas do paciente podem conceber-lhe a doença como vergonhosa, de modo que querem mantê-la em segredo. Muitas vezes, os laços com a família são assaz estreitos e a história da doença do paciente tão intimamente ligada está à sorte da família inteira que a cura do paciente significa, de certa maneira, também a "cura" da família. Seja como for, o doente tem laços de sangue, de sorte e opções; não se consegue conhecer o paciente, sem que se conheçam esses laços.

4. Também o próprio paciente pode ter a sua idéia sobre sua doença. Muitas vezes, esta idéia é particularmente desfavorável. Se é relativamente fácil suportar, sem se queixar, uma doença corpora, é sumamente difícil contrair uma doença mental, sem considerá-la como fracasso, injúria ou vergonha. Isso se compreende perfeitamente. É duro falhar, no sentido de uma doença mental. É penoso aceitar o fato de se ter mostrado de maneira tão singular, em face de todos quantos pudessem vê-lo. Neste caso, o paciente carrega dois fardos: o da doença e o da sua idéia desfavorável sobre a sua doença.

5. Os quatro pontos mencionados indicam claramente que examinador algum poderá perscrutar rapidamente seu paciente. Quem depois da conversação de uma hora, não consegue compreender nada, não se deve censurar necessariamente. Mas pode ter praticamente a certeza de que o paciente chegue a revelar, aos poucos, a natureza de sua doença e de sua pessoa, quando se repete, freqüentemente, a conversação com ele. Ela deve ser natural, não artificial, que o examinador preste mais atenção ao paciente do que à sua lista de perguntas." ( J.H. Van Den Berg, Pequena Psiquiatria, págs. 17 — 18 ).

#### NOTAS:

- (1) Foucault, Michel — Doença Mental e Psicologia, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1965, pág. 78.
- (2) Sciacca. M. — História da Filosofia II — Mestre Jou. S.P., 1968, cp. IV, pág. 65.
- (3) Descartes — Regras para a Direção do Espírito.
- (4) Japiassu H. — O mito da Mentalidade Científica — Imago Editora LTDA. Rio, 1975, pág. 71.
- (5) Foucault M. — Microfísica do Poder, pág. 127.
- (6) Foucault M. — Doença Mental e Psicologia, pág. 82.
- (7) Costa, Jurandir Freire — História da Psiquiatria no Brasil — Ed. Documentário, R. Janeiro, 1976, pág. 17.
- (8) Foucault M. — Doença Mental e Psicologia — Tempo Brasileiro, R.J., 1975, pág. 95.
- (9) Jung C. — *El secreto de la flor de oro*. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1955, pág. 31.